DIRECTOR
C. MALHEIRO DIAS
Nº 13 • II SERIE
21 DE MAIO DE 1906

Illustração Portugueza

Director — Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR — JOSÉ JOUBERT CHAVES

Evidentemente, e a despeito da solução conciliatoria de Algeciras, não são por completo tranquillisadores os ventos que n'este momento varrem a atmosphera politica da Europa. A paz não está de modo nenhum assegurada. Ao menor pretexto, a arrogante autocracia teutonica, ao impulso d'um ciume tradicional, póde semear tragicamente o terror e a destruição pelo mundo. Ha que entrar em linha de conta, no attenuamento das carregadas côres d'este quadro sinistro, com os benemerentes esforços da Inglaterra e da França, para a manutenção da paz. Estamos mesmo convencidos de que, n'essa complexa corrente de esforços e luctas, a benefica resultante virá a ser o triumphar a nobre e humanitaria orientação de Eduardo VII, conjugada com as patrioticas luzes de Loubet e Fallières.

Entretanto, a hypothese da guerra não deixa de assumir toda a actualidade e interesse, n'estemomento. E, ainda dentro d'esta hypothese, muito mais vivamente deve, naturalmente, interessar-nos o papel que n'essa conflagração teria que desempenhar Portugal. Alliados seculares da Inglaterra, teriamos que assumir, n'essa calamitosa eventualidade, uma sorte commum. E d'esta sorte as flu-

ctuações,—forçoso é dizel-o,—poderiam de improviso, e bem contra o nosso querer, arrastar-nos a uma hostilidade declarada com a visinha Hespanha. O recente e auspicioso estreitamento de relações com a nossa grande irmã iberica, e, ainda mais, a proxima união da corôa de Hespanha á casa real da Inglaterra, converte, felizmente, e repelle a nossa agoirenta previsão para os recuados dominios do improvavel. Mas na politica mundial quantas vezes se não affirma o predominio do absurdo! As crescentes affinidades da Hespanha com a Allemanha são bem poderosas causas de distanciamento de quem, como nós, anda tradicionalmente ligado á Grã-Bretanha. Além d'isso, com uma insistencia tres vezes secular, e com a imperecivel radicação d'um caracter ethnico, a eventualidade, a vaga antevisão de um conflicto armado com a Hespanha aninhou-se na alma nacional e constitue, intima, profunda, uma das instinctivas superstições do povo.

Por tudo isto, parece-nos que o assumpto se impunha para ser tratado na *Illustração*. Mas, tratado simplesmente por nós, fal-o-hia fracassar a nossa incompetencia. Com elementos para a analyse e resolução do problema, colhidos nas estações officiaes, tambem não poderiamos contar, porque estas saberiam fechar-se na sua obrigada reserva. Resolvemos então abordar um antigo e illustradissimo official, hoje reformado em general de brigada, como toda a gente, mas que, antes de voluntariamente reduzido a este anonymato humilde, desempenhou um papel preponderante na sua arma, e se evidenciou mesmo, na imprensa da especialidade, como escriptor militar distincto.

Recebeu-nos o velho militar n'um pequeno e modesto gabinete de trabalho...

Confiados, pois, na affectuosidade inalteravel das nossas relações, fomos procural-o, e da elucidativa palestra que então colhemos vamos fazer o possivel extracto ao leitor.

Recebeu-nos o velho militar n'um pequeno e modesto gabinete de trabalho, de apparencia toda burocratica:—secretária e estantes de vinhatico, cheias de livros militares, um projectil de artilharia vasado em candieiro de petroleo, uma antiga bayoneta patuleia torcida em castiçal, e velhos mappas, paineis de batalhas, suspensos pela escaiola cinzenta das paredes, bem como as venerandas lithographias dos marechaes Saldanha e duque da Terceira, em molduritas de nogueira com doirados florões nos cantos..

Inteirado do fim da nossa visita, o velho militar coçou apprehensivamente a nuca, e, depois de uma pausa:

—Vossês hoje os da imprensa são o diabo! Mas que lhe hei de eu de dizer?

—Qualquer coisa elucidativa.

—Eu sei lá!

—Qualquer coisa que seja, á illuminada luz do seu criterio, o logico desarrôlo das perguntas que lhe formulei.

—Mas que perguntas?—continuava o nosso interlocutor, triste e embaraçado. E sentando-se á secretária, e afagando o bigode branco, aparado cerce á tesoura: —Bem, vamos lá então a vêr... Supponhamos declarada a guerra á Hespanha... Naturalmente, haviamos de começar pela mobilisação.

—Muito bem!

—Mas isto é o diabo, repito!—tornava o nosso interlocutor, apoiando a cabeça descrente na mão e de cotovêlo sobre a mesa.—Mobilisação... mas como? com que elementos com que instrucções?... Homem! o meu amigo não me pergunte mais nada e vá-se embora.

É claro que insistimos, tanto mais interessados, quanto, n'estas apprehensivas reticencias, nós anteviamos um mundo de sensacionaes informes, de revelações as mais interessantes.

E por fim o nosso interlocutor, com um ar resoluto, mas sempre triste:

—Isto hoje, o meu amigo bem o sabe, a guerra é uma coisa séria... demanda coragem e saber. Não é sómente uma lucta de forças, mas um duello de competencias. Como estamos longe d'esses remansados tempos, quando eu sentei praça,

em que o talento estrategico dos maiores generaes quasi não passava do exercicio pautado e academico das chamadas manobras de taboleiro! Ainda ahi tenho guardada, para recordação, uma caixinha com os tôscos bonecos de madeira e as réguasitas figurando pelotões, com que o meu coronel fazia lições theoricas á gente do seu regimento. Era um tempo patriarchal e feliz, dentro da sua ingenua ignorancia.

—Comtudo, as campanhas da liberdade, já antes...

—Foram uma soberba epopeia, sem duvida, mas, como todas as epopeias, feita quasi exclusivamente de sinceridade e audacia. Na sua espontaneidade nativa, a sciencia entrava ali por muito pouco... E isto ainda assim se conservava aqui ha trinta annos, sabe o meu amigo? Ha trinta annos o codigo de toda a nossa sciencia militar achava-se

O povo em frente ao palacio das Necessidades, no dia da declaração da guerra

—Mas tinhamos boa gente nas fileiras.

—Se tinhamos! O nosso exercito, ao menos, era numeroso e forte. Não havia instrucção, mas havia disciplina.

—E então hoje?

—Lá vamos... Como lhe dizia, em 1870 tudo mudou. Aquella tremenda lição infligida á França apavorou o mundo. Começaram então a recrutar-se exercitos pelo figurino allemão. Houve, de repente, uma ingestão de sciencia excessiva, uma transfusão de estimulo marcial á sobreposse, que nós assimilámos mal, porque estavamos escassamente preparados.

compendiado e resumia-se na *Arte militar* do Camara Leme, um livro futil; em geographia, conheciamos o Arteche; em cartographia, não tinhamos ainda nada melhor que uma velha carta itineraria, hespanhola tambem, feita em 1812 pelo geographo D. Thomaz Lopez, com a escala em leguas, note, e em que ha erros e deficiencias palmares, em latitudes, communicações e em distancias. Esta carta é hoje rara, mas, sob o ponto de vista instructivo, já em 1875 ella não tinha valor nenhum. Olhe, ahi a tem...

E mostrava-me, pendendo amarellento da parede, um grande lençol de tela onde a peninsula

iberica estava revelada a côres separando as provincias, e com a orographia toda laboriosamente marcada em protuberanciasinhas como outeiros.

—Mas ahi por 1875 já nós tinhamos uma corporação do estado-maior,—arrisquei eu naturalmente.

—Tinhamos, sim... mas que fazia elle? Estava por aproveitar. Era uma simples dependencia da engenharia, onde em pouco mais se trabalhava do que n'um pouco de chorographia e desenho. Depois é que veiu um adoravel velhinho, João Chrysostomo, dar ao exercito um grande e benefico impulso no sentido da instrucção. Começou pelas conferencias e estendeu-se até ás escolas praticas. Os officiaes afervoraram no amor pe'a profissão, d dicaram-se a aprendizagens technicas, tomaram em gosto a leitura. Houve então quarteis que eram academias.

—E então isso não foi um bem?

—Foi. Simplesmente, por outro lado, a pessima administração do paiz começou obrigando á reducção gradual dos effectivos conservados na fileira, de sorte que, em breve, aquella grande somma de erudição não havia onde nem em quem applical-

Pelas ruas de Lisboa ha um grande movimento militar...

a. Consumia-se de inanição. Havia muito boas intenções, mas faltava a materia prima. E hoje,—epilogou o velho com um suspiro de saudoso pezar,—hoje esse mal tocou o periodo agudo, é cada vez mais profundo!

—E em Hespanha as instituições militares estarão melhores?

—Ah, de modo nenhum! A Hespanha soffre talvez do mal inverso. A guerra de Cuba extenuou-a, deprimiu-lhe consideravelmente as energias sociaes... e todas, sem discrepancia... mas muito em especial o exercito, cujos melhores elementos, cujos factores mais validos e proficuos, foram todos implacavelmente sumir-se n'aquelle sorvedouro em brasa! Em resumo, e para encurtar razões, perante a tremenda eventualidade de uma guerra, hoje as duas nações da peninsula achar-se-hiam n'estas condições uma em frente da outra: a Hespanha não tem officiaes, nós não temos soldados.

—Qual das duas levaria a melhor?

—Não é facil de responder, logo assim á primeira. Entretanto, vá lá, analysemos um pouco o caso, e assim á laia de quem resolve um problema do *jogo da guerra*. Espere o meu amigo um instante; vamos lá a vêr...

Dizendo, o velho militar erguera-se, com uma certa morosidade nos membros emperrecidos, e chamava-me agora para junto d'uma especie de estirador grande, de pinho, que tinha, em plano inclinado, no vão d'uma janella. Em cima havia algumas folhas chorographicas, da nossa Commissão Geodesica, lapis, borrachas, uma régua graduada, uma lupa e folhas soltas de papel.

—Vamos a vêr...—tornou elle com tristeza, procurando nos mappas.—Vamos resolver racionalmente o problema, embora eu anteveja já bem a nossa inferioridade!

—Não andará ahi um pouco de pessimismo?

—Ah, não anda, não... infelizmente! Isto é apenas o producto da madura reflexão dos annos, contrariando e apagando friamente as generosas illusões da mocidade, como as suas... Oiça, vamos lá a vêr... Temos então, por hypothese, a guerra declarada.

—E o pretexto?

—Ora, isso qualquer! Por exemplo, imagine o meu amigo, a questão de Marrocos torna a complicar-se. A

Allemanha aproveita avidamente o ensejo para lançar-se á aventura para onde fatalmente a impelle a arrogancia conflictosa do seu sonho; e emquanto esta trata de encarregar-se mais especialmente da Inglaterra, por mar, e da França, por terra, insinua á Hespanha que tenha qualquer *gros affaire* comnosco. O pretexto é facil de arranjar: faz-se com que quaesquer galeões hespanhoes de pesca transponham, no Algarve, as nossas aguas. A nossa canhoneira de fiscalisação intima-os a que retrocedam, e, como não é obedecida, vê-

se obrigada a fazer fogo sobre elles. Resultam prejuizos materiaes, ha homens feridos...

—E immediatamente o governo hespanhol reclama, não é assim?

—Tal qual. Mas reclama sob uma forma comminatoria, exige a resposta no praso de 24 horas.

—O puro de *ultimatum?*

—Quasi. Ora é claro que o governo portuguez hesita, não quer responder sem consultar a chancellaria de Londres. E o patriotismo nacional começa a ferver... Mas entretanto, inesperadamente, o conflicto aggrava-se. A arrogante insolencia do temperamento hespanhol não admitte delongas, a imprensa madrilena deita bom combustivel de trópos á fogueira; e então, sobre a tarde, o edificio da legação portugueza em Madrid é assaltado, com as aggravantes de escalada, arrombamento, vidros partidos, e tentativa de apeamento da nossa bandeira, emquanto na rua, inflammadamente, a multidão troveja: «A Lisboa! a Lisboa!»

O Dia publicava nas suas janellas, em projecção luminosa, os telegrammas dando conta do assalto á nossa legação em Madrid

—Tudo isso podia muito bem succeder.

—Agora, imagine o meu amigo aqui a repercussão da noticia! N'essa mesma tarde em que o boato da nota comminatoria da Hespanha se espalhou, ha um movimento desusado nas principaes ruas da Baixa. Todos se interrogam com visivel anciedade, com inquietação, chamando-se alto, atravessando de lado a lado, em indignados impetos, as ruas, em risco de serem atropellados pelos electricos e pelas numerosas ordenanças que começam a cruzar-se com abundancia, a galope, no caminho do ministerio da guerra. Ahi por volta das 5 da tarde, uma grande tropeada de garotos desce o Chiado apregoando um supplemento ás *Novidades*. A multidão disputa-o com furia, arranca-o da mão dos rapazes, não se olha a preço, todos querem logo avidamente lêr. E assim, n'um abrir e fechar de olhos, esses milhares de exemplares esgotam-se, emquanto, vertiginosamente e sempre, em successi-

No torreão do ministerio da guerra vêem-se, de alto a baixo, todas as janellas accêsas

vas remessas, essa estridula onda cantante vae inundando as ruas.

—E que diria, no seu entender, esse supplemento?

—Daria noticia do *ultimatum*, mais que se telegraphára em cifra para Londres, que o conselho de ministros estava em sessão permanente, e outras lôas d'este teor. Lôas na essencia verdadeiras, infelizmente... Bem. Mas á noite, logo um outro jornal, *O Dia*, cultivando uma antiga tradição dos seus habitos, publicava nas suas janellas, em projecção luminosa, os telegrammas dando conta do assalto á nossa embaixada em Madrid. Imagine o resultado! No Chiado apinha-se uma multidão compacta e irrequieta, cessa o movimento dos trens, troveja e ribomba uma vozearia ameaçadora, enorme. A indignacão braveja em tumultuarios impetos. Apparecem de improviso bandeiras patrioticamente desfraldadas. Um grupo de exaltados vae fazer uma demonstração civica diante da redacção do *Seculo*, e segue depois, amotinado, furioso, vibrante, caminho do Paço das Necessidades, tendo de embargar-lhe o passo um troço de cavallaria da guarda municipal.

«O Terreiro do Paço formiga tambem de gente, de todas as edades, todas as castas, todas as condições. Ninguem se entende! Ao centro os garotos, enthusiasmados, improvisam pequenos batalhões com espadas de pau e bonés feitos de gazetas. Sabe-se que o governo está reunido em conselho no ministerio do reino. No torreão do ministerio da guerra vêem-se, de alto a baixo, todas as janellas accêsas. Trabalha-se ali, febril e atabalhoadamente, em todas as repartições. E comtudo o respectivo titular da pasta não se encontra a essa hora no edificio do ministerio. Elle está, n'esse momento grave, reunido em conferencia com o seu director geral, bem como com o commandante da divisão e os directores geraes dos serviços do estado maior e das differentes armas. Para furtar-se á avidez espectante das attenções, este luzido conselho de generaes reuniu longe do Terreiro do Paço, n'uma das novas salas, por exemplo, do Museu de Artilharia. Ahi se encara então de frente a brutalidade irremediavel da situação, traçam-se as linhas geraes da proxima guerra, que parece inevitavel, e redige-se o decreto de mobilisação.

—Mas a mobilisação em que condições?—atalhei eu, progressivamente interessado.

—A mobilisação geral da primeira reserva. Nem póde deixar de ser. E é que ainda esta infelizmente não chega!

—Como, não chega?

—Eu lhe explico. Nós contamos com oito classes da primeira reserva, mas, segundo apontamentos que ahi tenho, e de toda a segurança, toda essa gente não chegará para completar os effectivos em pé de guerra nem mesmo só da infantaria. Garanto-lhe... O racional seria portanto fazer-se logo tambem a convocação das quatro classes da segunda reserva, com instrucção. É uma questão de cifras. Mas uma medida d'essas, larga e conveniente, não está nos nossos processos rotineiros de governo. De modo que eu parto da hypothese que, no dia seguinte ao da affronta á nossa bandeira, em Madrid, o governo portuguez terá ordenado a mobilisação da primeira reserva.

—Que consequencias teria essa ordem?

—Já vamos vêr. Em primeiro logar, ella não poderia decerto effectuar-se com a rapidez requerida. Nem sequer para isso ha instrucções!

Nos quarteis, horas antes de marcharem para a guerra, os soldados escrevem ás familias cartas de despedida...

—Mas entre nós a mobilisação não é regional?

—Isso é.

—Então parece que...

—Sei o que vae dizer. Parece que cada reservista, uma vez convocado, não terá que transportar-se muito longe para fazer a sua apresentação na unidade activa. Isso é verdade; mas o que elle não póde logo saber, com a celeridade requerida, é quando e onde tem que se apresentar. Bem vê, no exercito francez, por exemplo, cada reservista, ao ausentar-se da fileira, leva comsigo, além do seu uniforme (menos o calçado), uma pequena tira de papel, com o seu nome, numero, etc., e a indicação precisa, rigoresa, do local, e do numero de horas dentro das quaes a esse local terá que transportar-se, n'um caso de mobilisação. Os nossos visinhos hespanhoes teem tambem uma coisa parecida, a que elles chamam, se bem me recordo,

«tarjetas de cantina». Porém nós, aqui, não. Nem sequer temos ainda essas disposições nos regulamentos, nem instrucções para a mobilisação e regulamento do exercito em campanha! Os nossos districtos de recrutamento e reserva nem sequer teem ainda tambem o seu tão indispensavel diario de mobilisação.

«O soldado portuguez, quando passa á reserva e tranquillamente regressa á terra da sua naturalidade, apenas leva comsigo o fato de brim e a caderneta. O fardamento e o equipamento ficam, para irem servir a outro, no respectivo quartel. De sorte que, quando um decreto de mobilisação geral appareça, os reservistas apresentam-se naturalmente, primeiro, ou nas sédes dos districtos ou nas administrações dos concelhos, e ahi é que recebem guias e requisições de transporte para os pontos para onde tenham que marchar. Como vê, não é o processo mais rapido.

A artilharia hespanhola embarcando em Fuentes de Oñoro

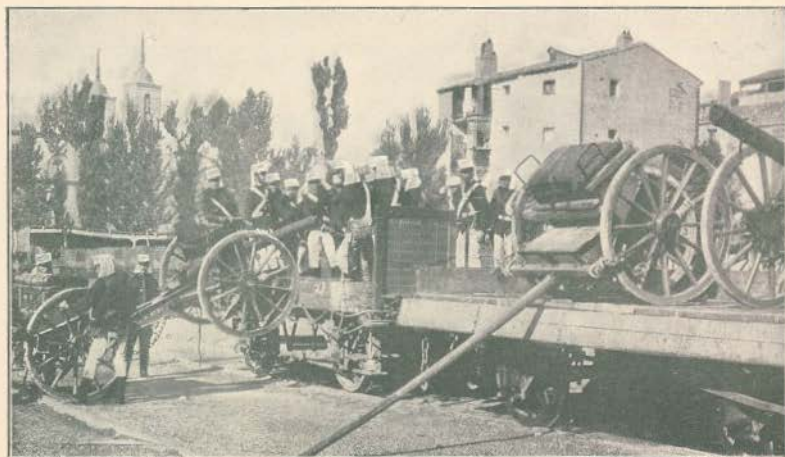
— E para onde vae então depois toda essa gente?

— Oiça... A affixação do decreto por esse paiz fóra dá logar ás scenas mais commoventes. É um acto de que já estamos desacostumados, este preliminar angustioso d'uma guerra, o qual vem transtornar brutalmente os nossos habitos e perturbar-nos a sensibilidade por uma forma dolorosa... Por toda a parte, mas principalmente no apartado remanso das aldeias e dos campos, registam-se ingenuos dramas, episodios devéras lancinantes... Estoicamente, resignadamente, esses martyres ignorados do dever partem, com o coração retalhado, para o mysterio tragico do acaso, quasi despidos, sem orientação, sem recursos, levando no ouvido e na alma o alarido dilacerante das mulheres e dos filhos... Nas estações de caminho de ferro,—particularmente na Beira Alta, onde o perigo mais aperta,—á partida de cada comboio, a gritaria clamorosa e o plangente ulular feito pelo elemento feminino é uma coisa realmente de commover pedras. E, observação curiosa, todo este dolorido côro de agoirentas supplicas e saudades é cortado pelos roufenhos pregões dos vendedores ambulantes, que circulam, uns apregoando alpercatas, sapatos, fardetas, bonés, capotes velhos, outros aguardente, licôres, refrescos, outros ainda offerecendo *bentinhos*.

— Bem, mas marcham. E depois?

— Vamos lá a distribuil-os. Nós devemos poder pôr em acção, sempre que tenhamos guerra, tres corpos de exercito, dois dos quaes destinados a cobrir a capital e o sul do paiz. Mas agora aqui, no nosso caso, ha que acudir urgentemente á fronteira; e, n'esta, ha que guarnecer de preferencia as entradas que podem facilitar ao inimigo a posse dos valles do Mondego e do Tejo, que são fundamentaes e o caminho mais prompto e mais natural sobre Lisboa. Quer dizer, tinhamos que guarnecer defensivamente, primeiro que tudo, a fronteira da Beira. Com que recursos? Com forças da segunda e quinta divisões. Ora agora, veja o meu amigo...

E aqui, á medida como falava, o meu generoso interlocutor ia annotando a lapis, em grossos caracte-

Oito horas depois da ruptura de hostilidades, os hespanhoes desembarcam em Villar Formoso

A invasão pela linha de Salamanca

res, nomes e numeros, cuja disposição eu seguia attentamente.

—Mais proximas d'esse theatro provavel das primeiras operações, nós tinhamos a segunda e a quarta brigadas de infantaria, ou, por outra, os regimentos 9, 12, 14 e 21 de infantaria, com as sédes respectivamente em Lamego, Guarda, Vizeu, Covilhã e Penamacôr. Supponhamos que, na passagem d'estas unidades do pé de paz ao pé de guerra, a apresentação do pessoal se fez dentro dos prasos fixados, o que já é conceder muito, e que os seus effectivos ficaram logo completos, o que é admittir o inverosimil. Mas, emfim, passemos por isto... E o resto? Onde estão os depositos para rapidamente fardar, armar e municiar toda esta gente? E as requisições de animaes e vehiculos ao elemento civil, como é que se haviam de tornar effectivas, quando ainda nada, nem mesmo a titulo de ensaio, se fez entre nós n'esse sentido?... Isto pelo que respeita sómente á infantaria. Quanto á cavallaria, temos n'aquella área dois regimentos, o 7 e o 8, cavallaria mais do que bastante para a constituição tactica dos primeiros elementos de defeza, mas comtanto que esses dois regimentos tivessem pessoal... e cavallos. Estes tinham que ir de Lisboa.

—Mas talvez do lado de lá da fronteira não estivessem melhor.

J. R.

(Continúa)

A artilharia hespanhola a caminho da Guarda

O namoro é um producto da civilisação.

Inventou-se o namoro, como se inventou a esgrima italiana, como se inventou a cosinha franceza. E' uma creação artificial e uma convenção galante. Existe, para dar a esta prosa da vida um pouco de sonho e a esta grosseria de mau gosto que é o Amor a illusão da scentelha divina e da espiritualisação transcendente. Assim como cada época comprehendeu o amor a seu modo, — cada época inventou uma maneira differente de namorar. Basta saber como se namorava n'um determinado seculo para se conhecer a physionomia moral d'esse seculo. O namoro, como a moda, é a mais nitida caracteristica do espirito d'uma época. Varia com os costumes e torna-se ridiculo quando é *démodé*, — como uma cabelleira de rabicho ou como uma saia de balão. O namoro do seculo XIV, com as suas grandes damas gothicas debruçadas em immensas janellas de illuminura, nada se parece com o namoro romantico, com o namoro-casaca-de-briche, feito ás pisadellas por debaixo das mesas nos jantares galantes de 1820. Ha um abysmo entre o namoro tragico do seculo XVII, de sombreiro de velludo e espada de ferro, com duellos na sombra e raptos sangrentos, e o namoro precioso do seculo de Goldoni e de Marivaux, cheio de subtilezas, de mesuras, de cabelleiras empoadas, de casacas de seda, de passos de minuete e de solos de flauta de marfim. Quem recorda os namoros rapidos, os namoros de atracão do tempo do Consulado e do Imperio, com os seus marechaes tarimbeiros cobertos d'oiro e as suas damas de pantalonas côr de rosa e tunicas de musselina, amando fugitivamente, apressadamente, no intervallo de duas batalhas, — vê que differença enorme, que differença profunda entre essa brutalidade summaria e a lentidão galante, perfida, envolvente, intellectual do *flirt* de hoje, *do flirt* á ingleza, do *flirt* d'alpercatas, ao canto d'um jardim, esperando a vez do *tennis*, — ou do *flirt* decotado, do *flirt* sumptuoso dos concertos, das *sauteries*, dos bailes, dos jantares diplomaticos. Cada epoca tem o seu namoro, — como tem os seus costumes, as suas modas, os seus chapeus, a sua noção de ponto de honra e o seu criterio de moralidade. Não ha semelhança possivel entre a maneira por que namoraram Francisco I ou Napoleão, o cavalleiro de Chamilly ou o conde do Vimioso. De ordinario, quanto mais complicada é a moda, quanto mais complexa é a etiqueta, quanto mais intricadas são as pragmaticas, — tanto mais subtil, mais meticuloso, mais requintado, mais ridiculo é o namoro. O seculo XVIII foi o seculo das mesuras, da *cour en dentelles*, das ceremonias preciosas, das pequeninas praxes solemnes: não admira, por conseguinte, que fôsse tambem aquelle em que mais e melhor se namorou. Na historia galante de toda a humanidade é o seculo XVIII que bate o *record* do namoro. Temos de nos curvar perante elle, respeitosamente. Nenhum outro comprehendeu melhor a vida. Nenhum outro soube revestir de tanta delicadeza, de tanta espiritualidade, a mais brutal e a mais deliciosa das grosserias humanas.

❀

Em Portugal namorou-se sempre descabelladamente. O nosso feitio apaixonado e contemplativo, devoto e sensual, a ternura infinita das nossas mulheres, o mysticismo hespanhol e a selvageria de posse dos nossos homens deram constantemente ao namoro portuguez um caracter de sentimenta-

lidade excessiva que foi notado e rubricado na propria litteratura estrangeira. «*Hay que tener ojos de niño y alma de português*», — diz uma personagem de Lope de Vega na sua comedia *Dorothéa*. «*Brancas, me parle de son coeur à toutes les lignes, si je lui faisais réponse sur le même ton ce serait une portugaise*», — escreve Madame de Sévigné na sua LXXIII carta á filha. O proprio Montesquieu, o galante e perfido Montesquieu do *Temple de Gnide*, sybarita e intelligentissimo, que passeava nos salões fidalgos de Paris as suas meias de sêda e a sua celebridade nascente, mette-nos a ridiculo nas *Lettres Persanes*, com a maior semceremonia do mundo: — «*Mais quoique ces invencibles ennemis du travail (les portugais) fassent parade d'une tranquillité philosophique, ils ne l'ont pourtant pas dans le coeur; car ils sont toujours amoureux. Ils sont les prèmiers hommes du monde pour mourir de langueur sous la fenêtre de leurs maîtresses; et tout espagnol qui n'est pas enrhumé ne saurait passer pour galant. Ils sont prèmièrement devots, et secondement jaloux. Ils se garderont bien de exposer leurs femmes aux enterprises d'un soldat criblé de coups, où d'un magistrat décrépit; mais ils les enfermeront avec un novice fervent qui baisse les yeux, ou un robuste franciscain qui les éléve*». Apaixonados, ciumentos, devotos e tolos, — segundo o philosopho de *L'Esprit des Lois*: ninguem, por conseguinte, mais bem talhado do que nós para a deliciosa e suprema patetice do namoro.

O namoro, propriamente, entrou em Portugal com as novellas do cyclo bretão, com o *Rei Arthur*, com *Tristão e Isolda*, com toda essa *revanche* celta que nos trouxe uma mais ampla noção do sentimento e da dignidade humana. A nossa barbaridade primitiva de sensuaes começou a espiritualisar-se ao contacto da flôr do Armor, — a flôr d'oiro symbolica do idealismo bretão. Desappareceram as liberdades menos decentes do *Cancioneiro da Vaticana*, e o namoro, com as suas delicadezas, com as suas exaltações, com a sua sentimentalidade, installou-se e floresceu. Foi então que surgiu a figura grave e hieratica d'uma rainha portugueza, Filippa de Lencastre, prohibindo expressamente o namoro na côrte, mandando bordar na sua roupa como tenção virtuosa um pilriteiro d'oiro, e fazendo casar ao acaso, por ordem real, com uma frieza e uma impassibilidade britannicas, creaturas que não se conheciam, que nunca se tinham visto, que evidentemente se não podiam amar. Foi uma revolução. Dir-se-hia que depois d'isso deviam augmentar os desastres, as separações, os adulterios: puro engano. Nunca entre nós o amor conjugal subiu tão alto, como n'esse periodo em que os casamentos eram exclusivamente feitos pelo arbitrio d'uma rainha.

Ás vezes, ainda no principio do seculo XVIII, nas ruas legendas e sombrias, ouviam-se guitarras e o tinir de espadas de ferro...

Mais tarde, com a Renascença, o namoro tornou-se erudito, pagão, sumptuosamente sensual. As mulheres, sahindo dos seus habitos quasi arabes de recolhimento, aprendiam latim e grego, eram *basbleu* como a infanta D. Maria, poetisas como as Sigéas, estudavam na Universidade como Publia Hortensia, liam philosophia como Joanna Vaz. O *Cancioneiro de Resende* é o documento de como se namorava entre nós, nos fins do seculo XV e principios do seculo XVI.

Com o seculo XVII, o namoro torna-se mais gracioso, mais cheio de mysterio e de aventuras.

É o namoro das capas, das guitarras, das espadas de ferro, das rixas nocturnas. De dia, os galantes acompanham de joelhos pelas ruas os coches doirados e bamboleantes onde vão as suas *Filis*, as suas *Chloris*, as suas *Marfisas;* de noite os duellos repetem-se, as espadas faiscam na sombra dos portaes, o proprio D. João IV bate-se com o fidalgo D. Francisco Manuel, soror Marianna apaixonara-se por Chamilly, ha aventuras galantes nos serões de musica do Paço, e o fanfarrão *Bonina*, depois Frei Antonio das Chagas, namora freiras, descaradamente, em todos os conventos de Portugal. A graciosidade surge com as môscas de tafetá, com as luvas d'ambar, com as immensas saias de bambolins, com o preciosismo erudito das *ridiculas* de Molière, importado de França pelas damas da rainha. No meio da immoralidade que annos depois havia de derivar, fi-

nalmente, no escandalo da *Brichota*, na devassidão de Affonso VI, na sensualidade freiratica e sumptuosa de D. João V, — a *Carta de Guia de Casados* previne os maridos do perigo que correm, ensina-lhes que «*el aspid anda en las flores*», e aconselha-os a aferrolhar as mulheres em casa, á cautella, como tapeçarias ou como moveis. Mas as rainhas que se succedem no throno vão trazendo comsigo, lá de fóra, as perfidias da «*francezia*»; as modas complicam-se, as cabelleiras empôam-se, surgem as casacas de sêda, os eruditos benedictinos, as Academias de poetas extravagantes, a opera italiana, os punhos de renda, as caixas de rapé, as phrases de espirito. Aos tonadilhos ingenuos de Diogo de Alvarado, succedem os minuetes de David Peres e de Lucas Jovini; ás espadas de ferro e aos feltros negros, os tricornes e os espadins doirados; á furia romantica dos influenciados por Calderon e por Lope de Végа, a gentileza complicadissima e os tacões vermelhos de Marivaux. Estamos, finalmente, em pleno seculo XVIII, — o seculo por excellencia do namoro, em Portugal como em toda a parte, — o seculo das «franças» e dos «faceiras», dos «peraltas» e das «sécias», dos «bandarras» e das «casquilhas», o seculo em que a

Protegidos pela *dueña* da menina, os dois namorados beijavam-se pelos recantos dos jardins...

Namorava-se no theatro, como se namorava nas Egrejas, como se namorava nos jardins...

arte de namorar foi ao mesmo tempo mais complicada e mais ridicula, mais risivel e mais graciosa, mais aristocratica e mais caricatural.

Quaes eram então as particularidades e as exquisitices do namoro do seculo XVIII? Como namoravam esses fantoches de casaca de seda e de *cadogan*, de bastão de punho d'oiro e de face pintada de carmim? Como se namorava em Portugal no seculo da *Brichota* e da Petronilha, da Flôr da Murta e da condessa da Ega?

❀

O «faceira», elegante diplomado do seculo XVIII, que descendia do «bandarra» e que precedeu o «peralta», limite extremo da patetice lisboeta, nasceu e veiu ao mundo exclusivamente para namorar. Era uma especie de boneco saltitante, precioso, cheio de rendas, perfumado de agua de Cordova — o melhor perfume da época, — com um tricorne posto no alto da cabeça, um palminho de cara pintado e mosqueado de signaes, um grande rabicho na cabelleira, umas grandes fivellas nos pés, fingindo-se myope, levando constantemente aos olhos uma luneta de punho d'oiro, fa-

Surprehendendo a sua *françа* adormecida sobre o banco d'um jardim, o *faceira* elegante approximava-se, de tricorne debaixo do braço, pé ante pé...

as satyras do tempo, aguardava a passagem da sua bella.

Começava então o namoro. Mal a «França» atravessava por diante d'elle, em passinhos dançados e beliscando as ilhargas da saia, se ia a pé, afastando com a mão cheia de joias a cortina de tafetá vermelho, se ia de côche ou de cadeirinha, o elegante curvava-se todo em *Gloria-Patri*, esboçava um sorriso com os dentes unidos, sacudia a cabeça como um cão ao sahir da agua, aguardava immovel que a «sua Diana» se afastasse uns cinco ou seis passos, e seguia-lhe no encalço escudeirando-a, dançando, fazendo mesuras, cortejando conhecimentos imaginarios, a luneta d'oiro, d'um vidro só, unida á orbita esquerda, o bastão debaixo do braço, o tricorne posto á frente sobre a cabelleira de polvilhos. Se a «França» olhava para traz e acceitava a côrte, era então para o «faceira» lisboeta um verdadeiro e delicioso supplicio. Tinha de ir piscando constantemente um olho, — o que não ia encoberto pela luneta; com a mão direita havia de tirar da algibeira um lenço de hollandilha leve, a que se chamava no tempo «o alcoviteiro das distancias», e proceder a um complexo e inverosimil manejo, levando-o ora á bôcca ora ao peito; finalmente, de vez em quando,

lando em Plinio, Séneca, Salustio, Platão, furando por toda a parte, mettendo o nariz por todos os cantos, falando á grade com freiras, nas egrejas com damas, na rua com toda a gente. Seguia á risca as leis da *Turina*, — especie de pragmatica do bom tom, que ensinava a namorar nos dias de procissão, nas quintas feiras do theatro do Bairro Alto, e no ralo estreito dos «conventos conversativos». Estava quasi sempre sem dinheiro —, mas nunca lhe faltava sége para andar, flôres para offerecer, joias para deslumbrar as comicas do pateo das Arcas e as freiras de Sant'Anna. Quando via de longe, quando suspeitava tão sómente a approximação da sua parceira nas elegancias, a «França», outra especie de boneca de Saxe, toucada á allemã, com o seu manto de lustro, os seus sapatinhos de velludo berne, o seu rosiclér nos cabellos, os seus bambolins nas saias, a sua boquinha de jarro, os seus pequeninos movimentos simianos —, encrespava-se todo, mettia o tricorne debaixo do braço, punha os olhos em alvo, collocava o espadim doirado entre as côxas, e com «olhares dormidos e bôcca de melancolia», como diziam

Uma vez por outra, ao transpor uma porta, mysteriosamente, a *França* do seculo XVIII dava as pontas dos dedos a beijar...

Os arvoredos dos jardins de Queluz assistiam a muita confissão galante...

se á janella. A attitude em que o elegante do seculo XVIII ficava então, esperando o apparecimento da sua dama, era d'uma altissima importancia na velha arte de namorar. Segundo essa attitude variava, assim se dizia no tempo que o «faceira» namorava «de estafermo» ou namorava «de estaca»: de «estafermo», quando ficava isolado no meio da rua, olhos em alvo, tricorne na mão; de «estaca», quando se encostava á parede ou ao cunhal fronteiro, para piscar mais commodamente o olho á sua «França.» O mais difficil e o mais fidalgo era o namoro de «estafermo»: o elegante, inteiramente desamparado, tinha de valer-se da sua gentileza, da sua linha, da sua plastica, de buscar posições inverosimeis, e de não se desequilibrar nem entontecer, sobretudo quando a «preciosa» morava muito alto, em segundos ou terceiros andares.

D'ahi por diante, é claro, encontravam-se nas Egrejas, nos outeiros de abbadessado, nos serões do primo marquez ou da prima condessa, — elle dava-lhe logo que ella voltasse a cabecita airosa e toucada d'amarello — a grande côr da moda—, era obrigado a cortejal-a descendo o tricorne horisontalmente adiante de si em «forma de bacia das almas» como ordenava e explicava na sua prosa pittoresca o *Ritual dos Bandarras*. Esta complicação, esta simultaneidade de movimentos era d'uma difficuldade espantosa e exigia uma pratica demorada. Só depois de se ter namorado muita «França» se conseguia realisar um namoro com todas as subtilezas da arte. Era peior do que uma lição de esgrima, peor do que uma lição de dança. Além d'isso, cada um dos movimentos do lenço, cada uma das piscadellas d'olho, tinha a sua significação e a sua intenção definida. Aprendia-se a namorar, como se aprendia a tocar cravo ou a dançar os passos do minuete, a cosinhar ovos reaes e bolo pôdre ou a riçar bem uma cabelleira franceza.

D'ordinario, o «faceira» acompanhava e conduzia a sua bella a casa, junto á portinhola do côche, se ella ia de côche, — a cinco passos de distancia se ella ia a pé. Deixava-a entrar e aguardava na rua que chegas-

As *françAs*, nos salões do tempo, cheias de joias, de rosicléres, riçadas, polvilhadas, oscillando como bonecas de Saxe dentro dos bambolins das saias, contavam umas ás outras como namorava o primo marquez...

agua benta, ella entregava-lhe um bilhetinho dobrado e escripto «*em estylo que Cupido deixou em testamento*», havia beijos nas pontas dos dedos, scenas compromettedoras em jardins, encontros nos camarotes do theatro do Bairro Alto, a vêr os benifrates de Antonio Antunes ou as operas do *Judeu*, — e valiam-se ambos de uma alcoviteira nas occasiões difficeis, *dueña* velha da menina ou *Madre Celestina* vendedora de vidrinhos de cheiro, capaz de inventar mil maneiras para tentar a Deus e outras tantas para enganar o proprio Diabo. E em todas estas occasiões, nos velhos jardins de buxo e azulejos, nas grandes salas armadas de damasco vermelho e cheias de armarios e contadores hollandezes, nas Egrejas da moda, cheirosas a alecrim e estrelladas de lumes, — o «faceira» elegante fazia prodigios de gentileza e de equilibrio, trocava as pernas em cortezias dançadas, falava em falsete, dizia tolices que eram «*a prata quebrada dos encontros*», levava vinte vezes o lenço d'Hollanda á bocca, piscava os olhos como se os agitasse um tic convulsivo, e com a face pintada de carmim e mosqueada de signaes, a peruca riçada e empoada «*à la greca*», a luneta d'oiro na orbita esquerda, as pernas estiradas com rolos enormes para parecerem mais altas, — enfatuado, saltitante, ridiculo, mulheril, procedia com um escrupulo infinito e com uma solemnidade triumphal ás cento e uma praticas complicadas da arte de namorar no anno da graça de 1750.

O mordomo desancava o *peralta* debaixo das janellas da menina, que cahia com um ataque de nervos...

Algumas vezes —d'ordinario poucas—, estes namoros acabavam pelo casamento. Entretanto, o mais frequente, para regalo dos paes e honra dos maridos, era ser o galante zurzido com o bastão do mordomo da casa, ou pilhado de bôcca na botija pelos esbirros e *môscas* do senhor Intendente... De resto, tudo se passava pouco mais ou menos como hoje em dia, porque afinal de contas, por mais que o namoro vario com os costumes e com as modas, por mais differenciações que lhe imprima o espirito das épocas e a evolução das litteraturas, — pode dizer-se d'elle o que Alfonse Karr dizia espirituosamente da politica:

— *Plus ça change, plus c'est la même chose...*

JULIO DANTAS.

O esculptor Te'xeira Lopes traball ando no estudo para a estatua de S. M. a Rainha, no «atelier» da senhora duqueza de Pa'mella

«ARRIBAS DA GUIA (CASCAES) Á TARDE», QUADRO A PASTEL DE SUA MAGESTADE EL-REI NA ACTUAL EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

VII — A CIDADELLA DE BRAGA

No bairro central da Braga fiel existiu, discreta e quasi occulta, a cidadella medieval. Era a melhor sobrevivencia das fortificações, que se levantaram, ha seculos, em volta do famoso burgo archiepiscopal.

Com o pretexto, porém, d'uns melhoramentos municipaes, foi, depois d'um fogoso debate, auctorisada pelo governo a sua demolição.

Para o inicio d'esta brutalidade inaudita elaborou-se então um programma festivo...

Ora, n'uma das baças manhãs dos meiados de novembro ultimo, a quietude presidiaria da alcaçova foi perturbada por uma faina singular e anormal e ao Largo do Barão affluira a curiosidade lôrpa do povoléu indigena, de quando em quando excitada pelo apparecimento d'alguma cabeça, espreitando ou exhibindo momices, no alto dos parapeitos por entre as ameias.

Quem escreve estas linhas passava ali, por acaso, no momento em que a pasmaceira d'aquella madracice illimitada se boquiabria ante um piquete de pedreiros que, em passo marcial, surgia d'alavanca ao hombro da Rua de Jano, e ante um trabalhador espadaúdo e possante que, sobre o adarve d'oeste, arrancava uma opulenta videira, estendida em cordões d'arame, e que tantas vezes, aos impulsos fecundos da primavera, desenrolára a tapeçaria fresca, juvenil e risonha da sua folhagem verdejante sobre a velhice adormecida e exhausta da muralha patinada.

Foram estes os preludios da solemnidade official da inauguração da selvageria sem nome, que se realisou algumas horas depois entre as sabidas demonstrações espectaculosas do mais vivo regosijo publico.

. . . .

Desde então até hoje o ignominioso desmoronamento proseguiu com ardor e sanha, desmontando-se tumultuariamente as peças d'essa architectonica armadura guerreira, como que para evitar o unico proveito que tal barbaridade poderia offerecer: conspectar com pormenorisação a intima estructura do seu vigoroso arcabouço de pedra.

E agora, o que era um recinto de guerra solida e cautamente protegido é quasi um quinteiro aberto e devassado que se escancara detraz de pharaonicas rumas de pedregulho atulhando a tortuosa rua e o largo referido, com o que muito bracharense exulta por preferir esta exhibição vandalica da arte de carregador a um monumento historico-militar.

Torre de Menagem — A cadeia civil ao fundo com o torreão de nordeste mutilado — Á direita da torre de Menagem o campanario assente no cubello de nordeste

Porta que do torreão de sudoeste dava passagem do interior da cidadella para o interior da cidade

Onde se levantavam a muralha, os cubellos delimitantes e as edificações áquella additadas no seculo XVII, alastra-se o chão vasio com as protuberancias da rocha em que se alicerçavam.

D'entre o aspecto desolador d'esta sevicia nefanda, mais avulta, no magestoso desafogo da sua plenitude, a torre de menagem, altaneira e donairosa, diademada d'ameias, com a excrescencia dos *machicoulis* realçando a sua nobre perspectiva. Na sua firmeza soberana e arrogante, esta obra de D. Diniz (como o attesta na face leste o brazão sobreposto á porta) que foi reconstruida no remate, presumivelmente, nos fins do seculo XV ou principios do immediato, parece lançar agora um repto irrespondivel ás ingratas affrontas dos homens depois de ter resistido atravez do lento giro dos seculos ás inconscientes injurias do tempo.

Não mais dominará, porém, dentro do soberbo reducto, e a vida ancestral de cobardias e audacias, traições e heroicidades, que a suggestão n'este evocava, para sempre findou com o exterminio da parte mais notavel da sua oxidada cintura.

Agora, antes que sobrevenha o esquecimento, o continuador da calamidade soffrida, cumpre fixar-lhe a conformação e reconstituil-o n'um estadio anterior em harmonia com os dados ao nosso alcance.

Quando se iniciou o memoravel vandalismo, a cidadella compunha-se da torre de menagem encerrada n'um cerco de muralhas que tinha approximadamente a fórma rectangular. Nos encontros d'estas a nordeste, noroeste e sudoeste perfilavam-se tres torreões, o primeiro dos quaes serve de base a um campanario. O quarto eliminára-se quando se ergueu o casario circuitante a que as cortinas de sul e nascente servem de supporte posterior, assim como a do norte á cadeia civil.

Exteriormente, apenas a quadrella occidental se encontrava desobstruida e livre, ostentando no alto as arestas da dentadura d'ameias e o campanariosinho da antiga sineta de rebate. Todavia no interior haviam-lhe annexado umas construcções no tempo de Affonso VI, o que determinára a sua ruptura para a conveniente applicação de portas e janellas.

Ora uma observação descuidosa e simples, que incidisse sobre o arranjo d'estes elementos constitutivos do veneravel circuito, immediatamente destrinçava o anachronismo existente e a sua disposição illogica, asymetrica e em absoluto conflicto com os principios mais rudimentares da architectura defensiva. Com effeito, o soberano cubo central afastava-se da cortina sul quasi o duplo da distancia que o separava da do norte e avisinhava-se muito mais da oriental que da occidental.

Além d'isto a muralha de oeste, destruida, cobria os dois cubellos extremos que a deviam exteriorisar e flanquear, e na face principal d'um d'estes — o de sudoeste — rematava a do lado sul barrando-lhe a porta e as setteiras respectivas que assim se inutilisaram.

De resto o apparelho d'estes muros divergia, e emquanto a cantaria dos de norte e nascente era siglada, outro tanto não succedia no sul como no do poente que se derruiu.

Aspecto do reducto mutilado

D'aqui se inferia que o vetusto reducto havia sido muito alterado.

A demolição, porém, veiu esclarecer obscuridades embaraçosas e confirmar por uma fórma inilludivel a conjectura que um mero conspecto repentinamente suscitava.

Por motivos que é logico e facil suppor, não obstante haver agora difficuldade em especificar qual tinha sido o factor determinante, o perimetro inicial foi ampliado. Esta amplificação, segundo indicios bem simplistas, mas sufficientemente elucidativos, realisou-se no seculo XVI.

De maneira que o pateo primitivo devia ser mais restricto e exiguo e a sua peripheria, pela inspiração dos velhos moldes, descreveria pouco mais ou menos um quadrangulo em torno da menagem com as quadrellas flanqueadas nos vertices pelos torreões espionantes.

D'estes, o mais vasto e o mais importante pela sua situação e pelo seu destino era o de sudoeste. Por elle se estabelecia a unica via de communicação do castello com o interior e, salvo o postigo de leste ainda evidente, com o exterior da cidade. Para levante rasgava-se a porta em ogiva, excellentemente construida, e que permaneceu intacta e perfeita até ao destroço official, sendo bem difficil encontrar hoje simile que lhe seja comparavel.

Aspecto interior da cidadella antes da demolição — Torreão de sudoeste e annexo additado no seculo XVII

Em toda a sua profundidade (2m,90) era defendida: na entrada, pela rija porta de gonzos que giravam em robustos encaixes; ao longo da abobada, pelos orificios *(machicoulis?)* por onde se lançavam projecteis e materias inflammadas; no extremo, por um espesso arco ogival fendido verticalmente, a meio, com uma ranhura por onde se levantava ou baixava a cancella de ferro corrediça.

D. Gonçalo Pereira, o glorioso arcebispo, a fizera delicadamente feitos e bellamente lançados...

Mais tarde, esta, que tornava accessivel o burgo, alongou-se atravez da espessura da cortina occidental quando esta se deslocou para cingir os dois torreões, vedando-se ao deante, com o estabelecimento do presidio e com a adjuncção d'um *passo* para exercicios devotos.

Talvez n'essa mesma opportunidade se afastasse a quadrella austral que ficou a contestar na frontaria leste do cubello obstruindo a porta de D.

Quadrella occidental ladeada pelos cubellos de noroeste e sudoeste, antes da demolição

ra, pois assim o certificava o seu brazão sobreposto com a cruz vasia de hastes floreadas.

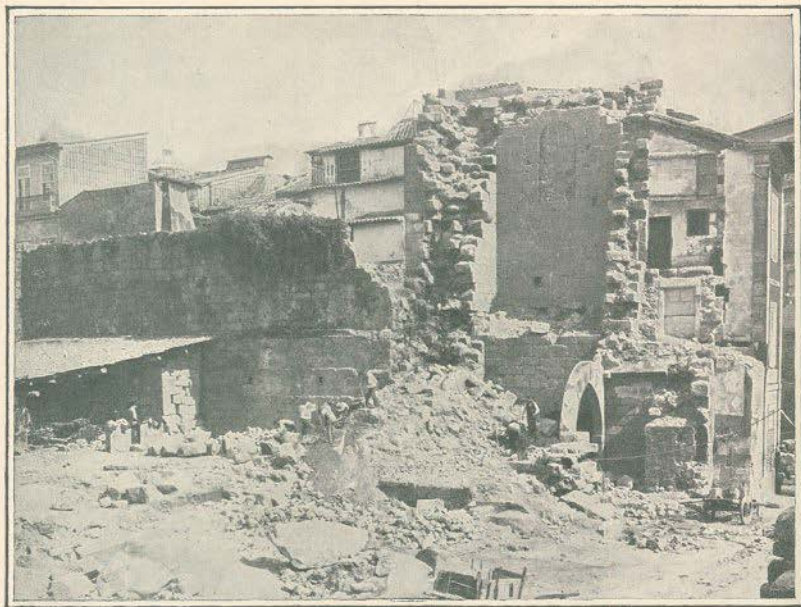
Quão recatada previdencia o que reflectido conhecimento dos meios defensivos ella exuberantemente demonstrava! Como, ao contemplal-a, avultava no espirito o drama feroz d'um acommettimento em que o inimigo tinha a vencer aquella serie de obstaculos formidaveis, depois de transposto o fosso de resguardo sob a repulsa indomavel dos arremêssos lançados dos parapeitos sobranceiros! E findos esses, na hypothese d'uma investida victoriosa até ao coração da sentinella, outros surgiam na porta extensa e apertada que dava para dentro do pateo do castello, ou da que áquella era fronteira e se abria para a cidade em arcos d'ogiGonçalo e provocando então provavelmente a abertura da outra na fachada sul, para o que houve de reforçar-se a parede respectiva a fim de não comprometter a estabilidade e o equilibrio d'aquelle.

Foi assim que pelo desmembramento selvagem se desvendou o torreão de sudoeste, reconstruido pelo valente e patriotico prelado e em que D. João I fez alguma reforma, conforme a denuncia do seu escudo fixado no alto, e dirigido para nascente, e ainda das moedas que se enxergaram e colheram na confusão da derrocada. Anteriormente achava-se abafado pela muralha referida, pelo casario circumdante, pelo oratorio cravado na ilharga do poente e pelo annexo prisional que lhe foi cerzido, por norte, no seculo XVII. D'elle apenas se aper-

cebia a cimalha denticulada e uma aresta interna que um tufo de hera, macio e cahindo, affagava e coloria.

Eis o que era digno de registo ácêrca do vetusto monumento abominavelmente sacrificado a um progresso caricato e a um melhoramento problematico e inverosimil.

desacato, arrasar a ala septentrional. Certo que o picão e a alavanca devem n'ella dilacerar com a mesma ira e o mesmo pormenor até ao desnudamento da ossatura granitica do solo, que talvez esconda tumularmente, como a poente, mysteriosos despojos humanos.

Destino extranho ligou estes malfadados ossos, perseguidos mesmo no secreto recolhimento da

Cortina do sul — Restos do torreão de sudoeste com o arco fronteiro á porta de D. Gonçalo, em oberta com os destroços

Indigno attentado tanto mais execravel quanto é certo que vão rareando escandalosamente os padrões excelsos da nossa historia politica e militar, que, na phrase d'um dos mais fulgidos espiritos de Portugal, deviam constituir um elevado thema d'educação, cheio de devoção patriotica, se fossem, depois de defendidos e consolidados, inculcados nas escolas á estimação e ao amor das populações, como tropheus inviolaveis de nobreza local.

Resta ainda, para complemento do criminoso

morte, ao infortunio da veneravel cidadella, inoffensiva e já sem vida desde que o aperfeiçoamento da guerra tornou inutil a sua altiva e sympathica missão de abrigo e defeza, para serem arrojados juntamento pelo mesmo impeto de insania ao anniquilamento e á dispersão eterna das coisas.

Maio, 1906.

MANUEL MONTEIRO.

HISTORIA DOS VELHOS PATEOS DE BELEM E DA AJUDA

O PATEO DAS DAMAS: UMA MORADIA DE POMBAL ◎ O ALCOVETO DE D. JOSÉ I ◎ OS AMORES DA MARQUEZA DE TAVORA ◎ RECORDAÇÕES D'UM VELHO PARDIEIRO.

Em parte alguma da cidade ha tantos pateos antigos, cheios de lembranças d'amores e de tragedias, com uma tão alta legenda régia e fidalga, como em Belem e Ajuda, velhos arrabaldes, onde demoraram côrtes que deixaram a sua tradição n'um rastro e que é hoje como um circulo de interesse em torno dos paços reaes que ainda por lá se erguem.

Na Ajuda, descendo do largo para as bandas da Boa-Hora, a pouca distancia do *Guarda Joias*, uma casa isolada á beira d'um caminho poeirento, existe o antigo *Pateo das Damas*, assim chamado porque, depois de Pombal ter deixado o supremo mando, ahi se installaram as aias de D. Maria I e das princezas Maria Benedicta e Carlota Joaquina. No recanto tristonho ha uns casarões onde se alberga gente pobre que por ali vive sem saber que durante muitos annos a sege leveira do marquez de Pombal parou áquellas portas hoje desmantelladas e que a maior nobreza do reino subiu aquelles degraus agora aluidos para ir fazer a sua côrte ao ministro valido e que sob aquelles tectos em tampa de tumba se passaram factos do mais alto interesse historico. O que hoje cobre miserias tapou outr'ora opulencias; nas portas interiores, onde ha dedadas pegagentas, ondularam n'outros tempos reposteiros armoriados e espreitaram cabeças emperrucadas de fidalgos, como áquellas janellas despedaçadas assomou o vulto forte do grande ministro.

Depois do terramoto de 1755, quando se reconstruia a cidade, além, n'aquelle velho pateo, com os architectos e com os mestres, traçou elle a obra da reedificação, emquanto a côrte se accommodava nos barracões d'Ajuda; ali foi pensado todo esse plano ousado e magnificente e mais d'uma vez D. José I, vindo, a pé, do paço em construcção, penetrou no *Pateo das Damas* a falar ao seu fiel ministro que, tambem, por mais d'uma noite, devia espreitar a sege do rei a caminho do Cruzeiro, levando-o ás entrevistas da marqueza de Tavora, que ali morava n'uma casa de que só restam paredes ennegrecidas. Tambem, furtivamente, ali devia ir Pedro Teixeira, o creado particular do rei e seu alcoveto, a contar-lhe mysterios, sahindo embuçado do seu casal, lá ao alto do palacio, que D. José lhe deára, que conserva o seu nome e ainda hoje lá se vê com as suas chaminés afuniladas e com o seu amontoado de casebres á beira d'um caminho.

Pedro Teixeira era o servidor mais chegado ao rei; era quem o alcayotava e jámais o deixava, quem vigiava a casa da Tavora emquanto o rei delirava nos braços d'ella; e era elle, tambem, que, na noite de 8 de setembro de 1758, acompanhava o soberano quando os Tavoras atacaram a sege real no descampado da *Quinta do Meio*, um pouco abaixo do actual Jardim Botanico que Pombal mandou plantar. Ainda no *Pateo das Damas* se pensou e lavrou o decreto da execução de Belem, ali recebeu Pombal—ou antes o conde d'Oeiras—os parentes e os amigos dos regicidas, que lhe supplicavam piedade e com certeza aquelles velhos soalhos foram regados pelas lagrimas de nobres olhos e aquellas paredes, tão negras e tão fendidas, escutaram as palavras altivas do ministro ao dizer que os conspiradores ferindo el-rei no braço direito o tinham inhibido de assignar os seus perdões.

Egreja da Memoria, em Belem

D'ahi sahiu a ordem para a expulsão dos jesuitas, d'ali—parece impossivel—d'aquella morada de pobres na qual ninguem attenta—vieram os decretos implacaveis para a tragedia do *Chão Salgado*.

O PATEO DO CHÃO SALGADO: AS CASAS ARRAZADAS ◎ O CADAFALSO DE BELEM ◎ DO PATEO DAS VACCAS AO PATEO DOS BICHOS

N'este pateo do *Chão Salgado* existe um obelisco quasi occulto a marcar o logar da execução dos Tavoras e do duque d'Aveiro. Diante do rio agitado, n'uma manhã de brumas, cantaram as martelladas no patibulo, erguido sobre as casas arrazadas onde Aveiro morára, estalaram nas aspas os ossos dos condemnados, ergueram-se labaredas n'um silencio horrivel e a marqueza, velha, pobre vice-rainha, tão linda e tão nobre disse ao carrasco: *Não me descomponhas!* Foram demolidos os predios do Aveiro que lhe faziam recordar o crime, mandou salgar o chão para que jámais ali se erguesse uma casa ou brotasse uma arvore e então o Chão Salgado gerou um patibulo como se marca n'esse obelisco entalado, quasi sumido, no estreito pateo de Belem que sempre se ficou chamando d'aquella forma e onde, gravado bem fundo na pedra, se lê:

—*Aqui foram as casas arrazadas e salgadas de José de Mascarenhas, exautorado das honras de duque de Aveiro e outras e condemnado por sentença proferida em 12 de janeiro de 1759, justiçado como um dos chefes do barbaro e execrando desacato, que na noite de 3 de setembro de 1758 se havia commettido contra a real e sagrada pessoa d'El-rei Nosso Senhor D. José I.*

N'este terreno infame não se poderá edificar em tempo algum.

O decreto mandára destruir as casas no logar do patibulo e, ao mesmo tempo, erguer uma egreja votiva, a da *Memoria*, no logar do delicto. Mas o tempo passou; D. Maria I desfez toda a obra de Pombal, excepto a cidade, porque nas cabeças parvoas e ignobeis do seu confessor, um Tavora, e dos seus conselheiros—uns lacaios—não germinou essa idéa. E então no terreno infame, salgado e maldito edificou-se.

Ninguem queria ir morar para ali, dizia-se que, de noite, as almas da marqueza de Tavora e do duque de Aveiro andavam penando, que nas arvores da quinta real se tinham collocado caveiras; mas os parentes dos condemnados mandaram edificar e deram as casas de esmola e fizeram isso para occultarem esse marco que é um pelourinho, onde está amarrada uma vergonha e vincada, como por uma unhada rija d'uma garra d'aguia, a grande bofetada atirada por um quasi plebeu á maior nobreza do reino.

Do *Pateo das Damas*, onde se lavrou a sentença, ao *Pateo do Chão Salgado*, onde ella se executou, ha ainda outros pateos cheios de recordações da nobreza, dos reis e do ministro supremo. Decerto no *Pateo das Vaccas*, que fica abaixo da *Memoria*, mais d'uma vez a Tavora, amante do monarcha, foi pela sua mão vêr o palacio velho que ali fica e onde o Aveiras morou antes de o vender a D. João V e por aquellas ruas da quinta enfestoadas de buxo e de rosas elles trocaram beijos

Pateo das Cozinhas — Dependencias do primitivo paço da Ajuda, construido depois do terremoto

até ao *Pateo dos Bichos*, a dentro do recinto, disseram palavras d'amor e a cabecita gracil e empoada da marqueza, nova e esbelta, pousou dôce e confiada no hombro, vestido de seda, do rei José, sem pensarem, um e outro, que dentro em pouco se disparariam uns tiros e se ergueria, ali tão perto, um cadafalso.

O PATEO DAS COSINHAS: A PELLE DE CARLOTA JOAQUINA ◎ A FUGA DA FAMILIA REAL ◉ UM NATURALISTA FRANCEZ ◎ UMA AMANTE DE D. MIGUEL

Tambem ao *Pateo das Cosinhas*, que fica rente ao Jardim Botanico e assim se chama porque n'algum tempo ali se installaram as ucharias e officinas culinarias do paço, Pombal foi algumas vezes assistir á custosa installação do *Museu de Historia Natural*, para os principes D. José e D. João, os netos do seu rei. Na entrada do pateo ha um escudo real; lá dentro moram pequenos empregados da Casa de Bragança, gente que tambem não pensa sequer o que além se passou.

Ruinas do throno no palacio da Ega

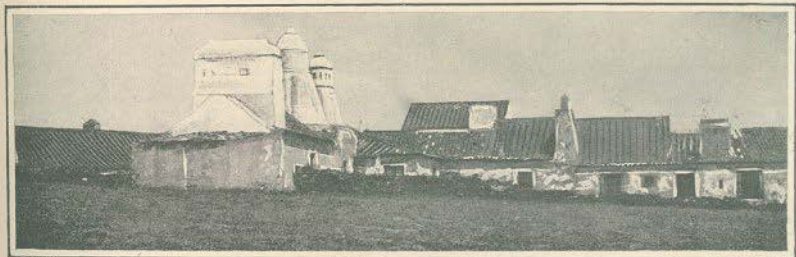
Carlota Joaquina, essa hespanhola de quem a duqueza d'Abrantes dizia coisas ironicas, vagueava ás vezes no pateo em busca de algum encontro amoroso. A princeza tinha uma pelle musguenta e uns cabellos sujos entrelaçados de perolas e diamantes nas recepções de gala; abusava do pimentão e da complacencia do principe D. João, balofo e insignificante.

Buscava os seus amantes entre a gente de libré como o caseiro do Ramalhão e certo cocheiro seu preferido e, por vezes, procurava nos cadetes da guarda um pouco de divergencia aos seus amores doentios; por isso era o *Pateo das Cosinhas* que ella preferia para, com a sua touca de disfarce, se metter entre a lacaiada. O velho pateo assistiu ás scenas pavorosas d'esse paço, seu visinho e seu progenitor, soube de que morreu o principe do Brazil, esse D. José de tanto talento, soube como enlouqueceu Maria I, como se enganava D. João VI e como se escandalisava a moral e viu passar diante das suas negras e solidas hombreiras enobrecidas e fechadas no alto pelo realengo escudo, uma côrte tumultuosa, esfrangalhada e cobarde, que fugia arrastando thesouros, como n'um saque, por uma noite tormentosa de novembro, a caminho do caes de Belem; o velho pateo viu o gelatinoso D. João VI tremendo e a rainha doida clamando, Carlota Joaquina com as saias enlameadas e a rezar e os fidalgos, pallidos, enchendo com a malta as carroças com moveis e dinheiro, padres que fugiam, gente que se quedava succumbida, uma turba d'oiro e lama a correr pela calçada com medo dos francezes, viu essa debandada, esse pavor, como se fosse um novo terramoto, o descalabro da côrte e do povo.

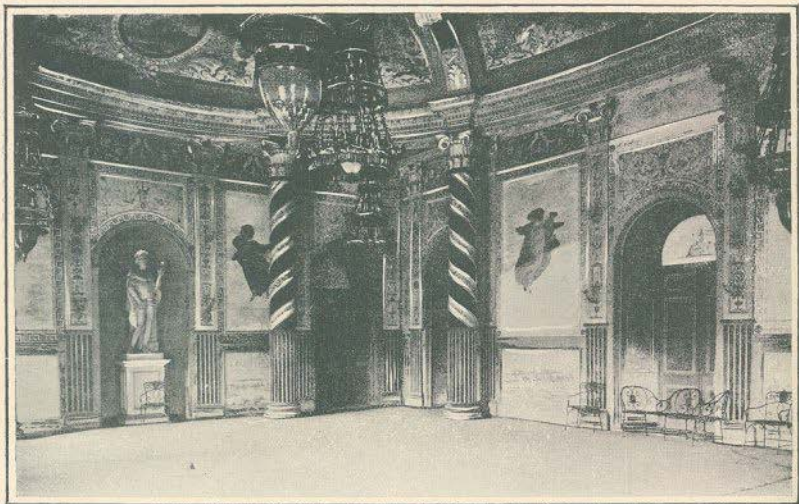
Vieram os francezes e o pateo só viu passar um homemsinho vestido meio civil meio militarmente, com a sua luneta d'oiro e com o seu livro de notas e entrar no Museu de Historia Natural. Era Geoffroy de Saint-Hilaire, que vinha como um ladrão levar as preciosidades d'aquelle logar para os museus de França.

Mais tarde morou ali uma amante de D. Miguel, uma rapariga trazida de Queluz na garupa d'um alazão, aconchegada debaixo d'um capote militar e que mais tarde se casou com um creado do paço, dizendo-se que ainda hoje lá vivem descendentes seus, raparigas e homens que teem nas veias o sangue já pouco real d'aquelle principe toureiro e despotico.

O PATEO DO SALDANHA ◎ A CASA DOS MARQUEZES D'ANGEJA ◎ A CONDESSA DA EGA ◎ UNS AMORES ESCANDALOSOS ◎ A NOBREZA DE JOELHOS ◎ AS IDÊAS DE NAPOLEÃO

Descendo então pela calçada d'Ajuda ha outro pateo á esquerda: estende-se uma quinta com seu

O casal de Pedro Teixeira, creado particular de D. José I e seu confidente nos amores com a marqueza de Tavora

geito de antiga recreação, depois só junto das Salesias, cá em baixo, ha uns beccos e uns pateosinhos sem importancia e, em frente, no Altinho, um declive a que chamam travessa dos Algarves, talvez em memoria dos velhos fidalgos Angejas que eram vice-reis do Algarve e viviam n'um palacio proximo, onde moram os srs. bispo de Trajanopolis e o dr. Eugenio Perdigão.

Foi n'esse palacio que D. José I se curou da ferida feita pela bala dos Tavoras, emquanto o velho marquez chorava, Pedro Teixeira ajudava o medico e o rei ia dizendo agradecimentos ao boleeiro Custodio da Costa que o salvára, mettendo as mulas n'uma galgada infrene. N'uma d'aquellas patria desde que essa mulhersinha ardente lançou a cadeia dôce dos seus niveos braços ao pescoço do general francez, desde que o conduziu por aquella sala dos *Marechaes* — ainda hoje tão bella, dentro d'essa vetusta ruina, com tão lindos tectos e com tão artisticos lustres, com tão fulgurantes espelhos e com tão soberbas columnas — para o levar talvez áquelle throno que ainda lá se encontra desmantelado e em pó, para o sagrar quasi rei ao som da *Marselheza*, annos antes tão temida e n'aquella era tão applaudida, diante da nobreza de Portugal, na vespera da partida da deputação que ia a Bayonna pedir ao imperador que lhe desse um rei francez. E esse rei... seria Junot!

Sala dos Marechaes no palacio da condessa da Ega

salas rugiu a voz de Pombal e a do rei; tambem n'uma d'aquellas janellas o vice-rei do Algarve — um Angeja — passava o seu dia a babar-se e á espera d'ouvir tocar a Nosso Pae para pegar na opa e ir por aquella Junqueira fóra de cabeça ao léu, contando as vezes que fizera tal acompanhamento.

Só em frente do quartel do Ultramar, subindo uma ladeirinha se encontra um pateo historico: o de Saldanha. Ao fundo ha um pardieiro e na sua fachada vê-se ainda o escudo d'armas do fidalgo que lá habitou, Ayres de Saldanha, primeiro conde da Ega. Nos terraços que ladeiam o velho palacio arruviado e negro, assomou decerto algumas vezes em noites de sarau a figura mascula do general Junot, duque d'Abrantes, enlaçando talvez a cinturinha breve da senhora da Ega, filha da marqueza d'Alorna e esposa do proprietario da casa, uma lindeza, cheia de paixão e tão aferrada a ella que fez chorar lagrimas de sangue e de despeito á mais forte das mulheres, a generala Foy, amante de Junot e casada com o illustre auctor da *Historia da Guerra Peninsular*.

Para muitos esse palacio recorda uma traição á

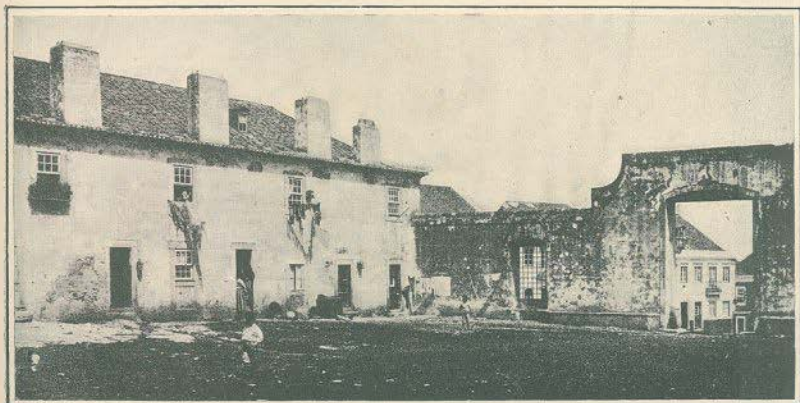
N'aquella sala, passaram reverentes, olhando o throno, os marquezes de Abrantes e de Marialva, os bispos de Coimbra e do Algarve, a regencia do reino, os depositarios do poder, D. Pedro de Mello Breyner, Francisco da Cunha Menezes, D. Francisco Xavier de Noronha, o Principal Castro e outros, muitos outros, os marquezes de Penalva e de Valença, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, o conde de Sabugal, o visconde de Barbacena, os condes de Castro Marim e o de Peniche, generaes e prelados, ministros e titulares que saudavam esse sol que nascia, que podia ser seu rei porque o imperador fazia reis dos seus marechaes. Ali passou tambem o proprio conde da Ega — Ayres José Maria de Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha — e a mulher, essa linda mulher, devia amar mais o seu general, o duque de Abrantes, porque via n'aquella baixeza dos outros o valor d'elle. A condessa não foi uma traidora, foi uma mulher amante! Os traidores foram esses fidalgos abastardados; ella foi a apaixonada!

Filha d'uma raça antiga, Alorna por sua mãe, sonhadora pelo sangue allemão do conde de Oyen-

hausen, seu pae, essa lindissima Juliana, tornada condessa pelo seu casamento, de certo riria dos galanteios maricas dos peraltas do tempo amaneirados, devotos e pedantes, ao vêr chegar essa phalange franceza com as dragonas douradas pelo sol legendario de tantas victorias e sobretudo ao vêr esse Junot, que trazia com a celebridade dos seus feitos a sagração amorosa dos braços da gran-duqueza de Berg.

A genti portugueza viu chegar sob aquelles fardamentos os *Homens*, pois até ahi n'esses seres de calçãosito de seda e sapatos de tacão alto só encontrara acanhamento de idéas, tibieza, effeminiinamento. Só dois homens se destacavam a seus olhos como valorosos: Gomes Freire e o marquez d'Alorna, o seu tio, os que não se curvaram, os que não entraram n'aquellas salas do pateo do emquanto as dos convidados partiam. O escandalo d'aquelles amores era tão grande que se soube em França, que a propria mulher de Junot o escreveu e o imperador franziu o sobrecenho como quando soubera dos amores de Junot com a duqueza de Berg, mulher d'esse Murat, portentoso, o mais denodado cavalleiro do Imperio, rei de Napoles, nascido n'uma estrebaria e fuzilado n'uma praça publica.

D'ali, d'aquelle pateo, após a derrota da Roliça, depois da convenção de Cintra, sahiu a Ega com o marido e com o amante para França, sempre louca, sempre apaixonada, sentindo que lhe chamavam traidora á patria, mas rindo muito a dizer-se fiel ao seu amor.

Nunca mais voltaram. O marido morreu por lá recebendo uma pensão que lhe dava o imperador.

O pateo das Vaccas

Saldanha desde que Junot chegara e que a condessa se puzera a amal-o doidamente. Amou-o; quiz ser tudo para elle. Viu a Foy amazona aos upas com o cavallo e firme na sella, quiz tambem aprender aquella equitação perigosa e passou tardes no picadeiro de Belem a cahir do dorso do animal para os braços de Junot; em S. Carlos estadeou o seu decote ousado e no seu palacio viu de rastos a gente, que se escandalisara primeiro, prompta a ir a Bayonna pedir a Napoleão o rei francez: o Junot que tomaria a purpura e a corôa dos Braganças.

Mas Napoleão tinha outras idéas sobre Portugal. Junot estava já desclassificado aos seus olhos desde que para aqui o enviára como embaixador em successão de Lannes que em Portugal estivera de castigo por ter roubado a Caixa do Grande Exercito.

Portugal era para os francezes do imperador uma especie de degredo dourado.

O QUE FAZ UMA PAIXÃO — ALORNA E GOMES FREIRE — COMO SE CASA COM UM RUSSO DEPOIS DE TER SIDO AMANTE D'UM FRANCEZ — A SENTENÇA DE MORTE DE GOMES FREIRE

Por aquelles lindos jardins, nas noites de luar e de festa, elles se beijaram, e n'aquelle pateo, hoje tão sinistro, a horas mortas, a sege de Junot ficava

Junot, doido, perdido, após o castigo que o imperador lhe inflingira, ao mandal-o guerrear na Illyria, suicidou-se, e a Ega — ainda nova, ainda linda, ainda anciosa de amor — casou com um russo, o conde de Strognoff que sem duvida a ouviria suspirar mais d'uma vez ao atravessar essa Russia onde as aguias napoleonicas se tinham abatido e ao lembrar-se do amante e recordando seu tio — o velho Alorna, que, com Gomes Freire, ali tinha passado por ordem de Junot, agora morto, e como officiaes superiores da Legião Portugueza. O marquez de Alorna lá ficou em Koenisberg, tendo assistido ao declinar de Napoleão, e Gomes Freire voltou á patria para soffrer a maior das affrontas ainda emanada ali d'esse palacio vetusto do *Pateo do Saldanha* que viu maravilhas e amores, os francezes cobertos de gloria, os fidalgos venaes e tambem Beresford — o inglez manhoso — feito dictador.

Ali teve elle o seu quartel general no anno de 1817, quando Gomes Freire na Torre de S. Julião da Barra aguardava uma sentença justa; ali escreveu elle algumas cartas sobre o general e recebeu a noticia da sua condemnação e do seu supplicio diante da fortaleza, descalço, d'alva vestida e a tremer de frio, elle um heroe que foi morto como um bandido!

O palacio de Ayres de Saldanha, conde da Ega

E tudo isso sahiu d'aquelle velho pateo do Saldanha, do paço da Ega, ninho de traidores, hoje um pardieiro que guarda com essa sala intacta e linda o perfume d'esses amores loucos e os unicos restos d'uma tragedia immensa.

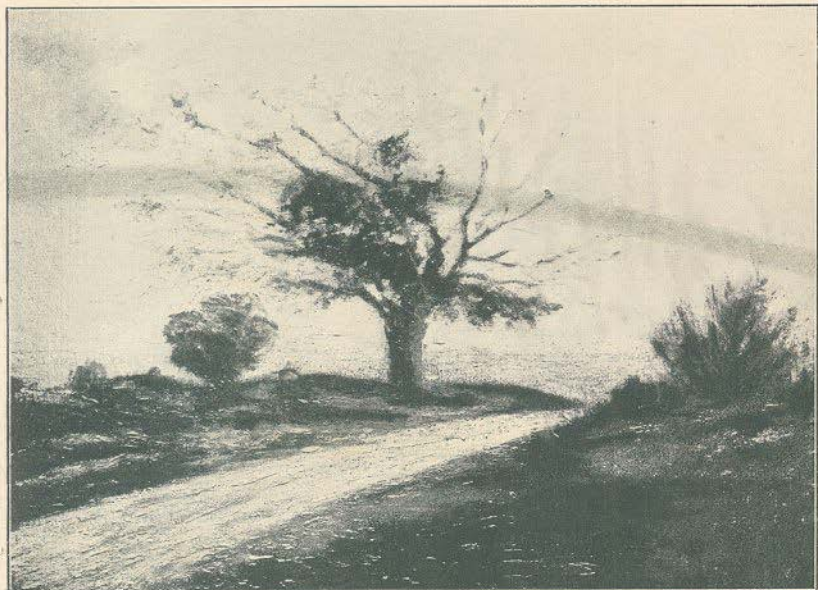
E' isto o que se sente nos velhos pateos de Belem e d'Ajuda: D'um sahiu o obelisco infamante para os Tavoras, do outro sahiu a sentença que assassinou um homem, em cujo logar da morte está tambem hoje um obelisco, mas esse de redempção!

ROCHA MARTINS.

UM DESENHO INEDITO DE DOMINGOS DE SEQUEIRA — (DA COLLECÇÃO DO SR. JOSÉ MAURICIO REBELLO VALENTE

Fernando Maia — Eduardo Brazão — Carolina Falco — Luz Velloso

"A DUVIDA", PEÇA EM 4 ACTOS DO SR. AUGUSTO DE LACERDA, EM SCENA NO THEATRO D. MARIA

A EXPOSIÇÃO DE THOMAZ COSTA NA PHOTOGRAPHIA BOBONE

«Tarde de outomno em Rochefort»

«To adora de bando'im»

«Jeune fille de Pont Aven»

«*Venus Anadiomene*», baixo relevo em marmore

«Flôr do campo», busto em marmore

Retrato da sr.ª condessa do Cartaxo, busto em marmore

Pastel

«*Viennense*»

«Hebe», estatua de marmore de Carrara

«Ret ato de mademoisel'e J. C.» busto em gesso

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias, inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas cathegorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro, esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação.... 1$000 réis 4 publicações.... 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação....... 800 réis 4 publicações.... 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta feira de cada semana.

Companhia Franceza do Gramophone

NOVAS COLLECÇÕES SENSACIONAES

Artistas de todo o mundo todas as celebridades

OS CHEFS D'ŒUVRES de todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, etc., etc.

AS VOZES de todas as divas celebres e de todos os cantores laureados.

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza

A melhor, a mais verdadeira, fiel e a mais barata bibliotheca artistica é um

GRAMOHPONE

e uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos

A **Companhia Franceza do Gramophone,** Largo da rua do Principe, 8, 1.º, satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e esclarecimentos.

Agente no Porto: Arthur Barbedo, rua Mousinho da Silveira, 310, 1.º—*Agente em Braga:* Manuel Antonio Manciro Gomes